



DESLOCAMENTOS PARA O DESMUNDO: COLONIALISMO E DIÁSPORA NO ROMANCE DE ANA MIRANDA.

Alexandre Veloso de Abreu

Palavras-chave: colonialismo; diáspora; romance.

Camões abre sua epopéia com o célebre verso: “As armas e os barões assinalados”. Varões guerreiros desbravaram o mar para irem além dos horizontes que conheciam. Não só os varões, mas vários colonos portugueses empreenderam viagens para povoar o novo mundo. Esse fenômeno é retratado no romance *Desmundo* (1996) de Ana Miranda. Um grupo de órfãs portuguesas é mandado ao Brasil, levando a missão de cristianizar a colônia. A prática era difundida naquele tempo, como pode ser constatado na epígrafe que nos mostra um trecho de uma carta real de 1552 de Manoel de Nóbrega a D. João, solicitando o envio de mulheres portuguesas para se casarem com os colonizadores no Brasil. Tal fato fazia parte da política da Igreja de criar no Brasil a sociedade cristã ideal, em que a mulher exercia seu papel submisso ao homem em prol do processo de civilização da colônia.

Nem sempre eram voluntárias as diásporas portuguesas para as colônias. Séries de entes marginalizados eram despachados para os novos assentamentos. Oribela, a protagonista do romance *Desmundo* (1996) de Ana Miranda, é uma das muitas órfãs portuguesas que foram mandadas para o Brasil - colônia com o intuito de se casarem com os cristãos que já habitavam o novo mundo. Pelo ponto de vista de Oribela, percebemos seus anseios, sua busca de identidade e seus medos. Diante de seus olhos, a estranheza de um mundo multifacetado, com etnias e culturas sincréticas. Um (dês) mundo, não mundo. Um mundo deslocado, o mundo do outro. Na narrativa da escritora cearense encontramos reflexões sobre colonialismo e diáspora, várias versões na voz de Oribela, a voz feminina embargada, genuinamente retratada no romance.

Como já havia mencionado Linda Hutcheon, a metanarrativa ficcional aciona uma série de questionamentos relativos ao discurso histórico. Narrar o período colonial na ótica feminina já é desestabilizar o discurso documental que se tornara rígido e unilateral. Agora, junto com os relatos dos cronistas, temos a visão de Oribela. O romance mostra a história envolvendo outra ótica. A narrativa ficcional passa a interpretar uma história sempre em movimento. Lembra-nos a estudiosa Cláudia Espíndola Gomes:

Através da narrativa de Oribela, o leitor ingressa em formas de ação e de pensamento da época, deparando-se com aspectos tais como existência feminina, religiosidade, nova terra, amor e sexualidade. Por meio do relato



da personagem fictícia, torna-se possível pensar no que ela possui de comum com outros indivíduos que viveram no século XVI, que, por sua vez, herdaram sua forma de ver o mundo a partir de estruturas mentais construídas culturalmente. O romance de Ana Miranda, enquanto situação especial de comunicação se oferece a uma leitura no horizonte da história das mentalidades e aproveita para utilizar as informações que lhe pode oferecer este tipo de história.

Pela voz de Oribela se tem uma ideia de como a sociedade colonial via a mulher. Lembra a historiadora Mary del Priori, que, naquele contexto, o objetivo era domesticar a mulher no seio da família, privando-a de qualquer poder ou saber ameaçador e regulando seus corpos e suas almas. O momento histórico recebe uma leitura na narrativa ficcional. No romance, a possibilidade de se ouvir a voz de Oribela. Zilah Bemd chama a atenção para o fato de que a literatura tem uma liberdade maior ao abordar fatos que a história tradicional não viu (ou não quis ver) e o texto ficcional acaba tendo um dinamismo de registro que o texto dito documental não teria.

Linda Hutcheon assinala que tanto a história quanto a ficção extraem verossimilhança de um referente único, e são identificados como representações discursivas. Sendo assim, o objetivismo histórico pode ser questionado e com isso, o seu valor como “verdade absoluta”.

Em seu estudo seminal *Trópicos do Discurso*, Hayden White elucida bem essa questão. Nas “viradas” do discurso, percebemos a elaborada definição de metahistória, que entende o estudo da história em uma multiplicidade de pontos de vista. Diante dessa perspectiva multifacetada, o valor documental de um texto narrativo literário se unifica ao valor do documento histórico e ajuda, até, a questionar o mesmo.

As mesmas lacunas contidas em narrativas literárias podem ser vistas e preenchidas em narrativas históricas. O recurso discursivo é o mesmo. A narrativa histórica pode ser vista em várias camadas, assim como a obra de ficção.

Luiz Costa Lima nos lembra no artigo: “Perguntar-se pela escrita da história”, que “a concepção moderna de história mantém a insuficiência epistemológica constatada nos antigos.” (cf. COSTA LIMA, 2006:397) A outrora distinção entre o *res facta* (assunto factual) e o *res ficta* (assunto ficcional) não permite o entendimento suficiente de suas proximidades e diferenças. História e literatura são discursos que não se confundem, mas não porque um fala a verdade e o outro seja fantasioso. Para Costa Lima, falta um suporte epistemológico que dê conta de separar os exercícios narrativos para distingui-los adequadamente, pois o estatuto de “verdade”, assim como o de “imaginação”, pertence a ambos.

A técnica de Tucídides, historiador da Antiguidade Clássica, por exemplo, consiste em reportar conversas imaginárias que poderiam ter ocorrido durante acontecimentos históricos, como a Guerra do Peloponeso. Seria infundado considerar o teor de tais diálogos como registros.



O *mýthos*, o discurso, a história em si, circula no imaginário de um povo. Historiadores, como Heródoto, por exemplo, não empreenderam viagens ou grandes deslocamentos para conhecerem o ocorrido em guerras. Todos se valeram do discurso que pairava no coletivo daquela sociedade e construíram as suas representações narrativas, fenômeno muito parecido com o exercício de contar histórias dos aedos homéridas. Aliás, historiadores podem se valer tanto do sentido sincrônico quanto diacrônico do discurso para abordarem seu objeto de estudo. Os escritores podem fazer o mesmo, ao elaboraram seus exercícios ficcionais. Os poetas épicos consultam somente Musas diferentes. Homero invocaria Calíope, musa do épico. A musa da história chama-se Clio, e era a fonte inspiradora dos que construíam o discurso histórico.

Ainda sobre o exercício metaliterário, Cláudia Espíndola Gomes explica que:

O escritor assume a tarefa do cronista e, além de trabalhar com a informação, trabalha com a possibilidade de reconstruir o imaginário. A vantagem deste tipo de discurso é exatamente a possibilidade de desestabilizar a história oficial, seja através da utilização do ponto de vista descentralizado, seja através da apresentação de questões não abordadas por aquele tipo de história. No romance de Ana Miranda, por exemplo, são apreensíveis as relações intertextuais com o discurso histórico, já a partir do momento em que as epígrafes são cotejadas.

A mesma Cláudia Espíndola Gomes apresenta-nos um pertinente estudo sobre o título do romance de Ana Miranda. A estudiosa lembra que “desmundo” é uma palavra não-dicionarizada, uma criação lexical. Isso ocorre porque não há termo que dê conta de expressar a percepção de Oribela do novo mundo diante de seus olhos. Tudo é “des”. Seu destino é um “desrumo”, o local um: “despejado lugar” (p. 16). O Brasil é dito como “terras desabafadas” (p. 26), “desventura” (p. 1), além dos já citados. É nítido que Oribela purga na nova terra, a sua voz busca compreender, a partir desta língua, o desmundo em que se encontra. Há momentos em que, para compreendê-lo, parecem faltar palavras. É necessário entender a vida, “uma rede de tristuras tenebrosas” (p. 125). Ainda podemos constatar que existe uma diversidade de línguas no Brasil-colônia. Mikhail Bakhtin já dizia que o romance apresenta uma diversidade social de línguas. Mesmo que o romance de Ana Miranda se enuncie como expressão da língua portuguesa, a língua do colonizador, outras línguas aparecem para representar o plurilingüismo.(cf.GOMES) Na narrativa vemos expressões em espanhol e latim, assim como expressões em língua indígena, mostrando que o conflito linguístico pode ser internalizado no próprio discurso. Evidenciando o deslocamento presente em *Desmundo*.

Recentemente, alguns exercícios ficcionais têm explorado uma “consulta documental”. Os autores das narrativas geralmente exploram os interditos documentais ou, simplesmente, o “não dito”. Ana Miranda se vale de momento marcante da história brasileira, para construir um romance onde o fictício, o referente e o imaginário dialogam. *Desmundo* estabelece-se, então, como forte



registro histórico e elaborada narrativa ficcional, ficando em um limbo curioso entre romance contemporâneo e romance histórico.

Ao reverter o platonismo, Gilles Deluze talvez tenha levantado o aspecto mais relevante dessas questões todas debatidas aqui. Em *Lógica do Sentido*, fica claro que o simulacro ganha proporções aproximando-o mais do mundo das ideias do que a própria realidade, que para Platão, já é mera representação de um mundo idealizado. A ironia é essa. A realidade é cópia também, e pode ser vista como representação. A realidade só não contava com a legitimidade paralela do simulacro, que o imita e o representa como uma possibilidade.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética – a teoria do romance*. Trad. Aurora Bernardini. São Paulo: Hucitec; Annablume, 5ª ed. ... São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

COSTA LIMA, Luiz. “Perguntar-se pela escrita da história.” In. *Varia Historia*. vol. 22, n° 36. Belo Horizonte, UFMG, 2006.

DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro, RJ: José Olímpio; Brasília, DF: Edunb, 1993.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: As vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos César (Org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 3 ed. São Paulo, SP: Contexto, 2000.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOMES, Cláudia Espindola. *Discurso poético histórico: uma relação Intertextual*. Site: <www.anamirandaliteratura.hpgvip.ig.com.br/tese.htm>.

HUTCHEON, Linda. *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. New York: Routledge, 1988.

MIRANDA, Ana de N. *Desmundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UnB, 1982.

WHITE, Hayden. *Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism*. Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press, 1978.